

# Dia da Indústria

» IGOR CALVET

Presidente da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (Abdi)

Hoje, 25 de maio, o Brasil celebra o Dia da Indústria. Na condição de presidente da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (Abdi), e em nome da qualificada equipe técnica e de colaboradores que integram a agência, celebrar esta data é uma alegria por causas que vão muito além de nossa atividade-fim, traduzida na formulação e execução de ações que contribuem para o desenvolvimento do setor produtivo nacional. Devemos nos orgulhar do dia de hoje não apenas pelos avanços de nossa indústria, mas também pelas expectativas promissoras que ela nos oferece.

Embora surgida tardiamente no Brasil e de forma geograficamente concentrada, a indústria brasileira evoluiu a passos largos em seus menos de 100 anos de presença efetiva no país. Nesse período, ampliou espaço no território nacional e diversificou-se. Ao lado da indústria de outros países e por meio de tecnologias nacionais pioneiras, tornou-se referência em áreas tão distintas quanto a aeroespacial, cujo parque liderado pela Embraer é o quarto maior do mundo, e a exploração marítima em águas profundas e ultraprofundas, que abriu caminho para o pré-sal.

Se não foram poucos os esforços para chegarmos aonde estamos, não serão poucos os desafios para consolidar e avançarmos mais nesse setor primordial para o desenvolvimento. Temos amplas oportunidades para isso, não apenas na inovação, na agregação de valor e nas produções de alta tecnologia e de conteúdo nacional, mas também no espaço perdido que precisamos e podemos recuperar, traduzido pela queda da participação do PIB industrial de 20%, nos anos 1980, para 11%, atualmente.

Os números são claros e não temos tempo a perder. O momento é de reindustrialização mais tecnológica. Com desafios igualmente presentes no ambiente digital, não subiremos novos degraus sem nos adaptarmos aos novos tempos. Tradicionalmente conceituada como transformação de matéria-prima em produtos comercializáveis com uso de força humana, de máquinas e de energia, a atividade que comemoramos hoje demanda, agora, transformação digital.

Os tempos são da Indústria 4.0, realidade que vai além da difusão de novas tecnologias de automação, de big data e de aprendizagem de máquina. Com ela, surgem também novos modelos de negócios. Atenta a isso, a Abdi promove uma série de projetos de incentivo ao crescente uso de novas tecnologias pela



indústria e demais setores produtivos do país.

Com o auxílio de estudos como o Mapa da Digitalização das Micro e Pequenas Empresas Brasileiras, elaborado pela Abdi, em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV/link), a agência faz o monitoramento permanente do setor de pequenas indústrias, ao lado de serviços e comércio, para propor mecanismos de acordo com os cenários encontrados.

Enquanto identificamos o crescimento de acessos de banda larga entre MPEs de 69%, em 2021, para 79%, em 2022, detectamos a queda de investimentos em digitalização no último trimestre. Dados como esses norteiam ações da Abdi destinadas à correção de rumos. Programas em transformação digital como o Digital BR, voltado à aceleração de políticas e projetos regionais focados em transformação digital de setores econômicos, que impactou mais de 800 empresas com a qualificação de 170 agentes e implementação de 27 projetos.

O Projeto Conecta 5G, que faz uso de luminárias públicas integradas a antenas 5G, por sua vez, já implementou a tecnologia em nove municípios — em favor, também, de indústrias locais —, enquanto mais de outros 20 investem recursos em áreas de

demonstração, iniciam processos ou discutem com a Abdi a elaboração de convênios.

A agência está igualmente no meio rural com o Agro 4.0, programa criado para estimular e fomentar ações de adoção e difusão de tecnologias 4.0 no campo e na agroindústria. Já são 900 as empresas impactadas após o lançamento de dois editais, número que será expandido ainda este ano com o lançamento do terceiro edital.

O dia é da Industrialização, mas, por fim, sustentável. Atenta aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ODS) e aos benefícios da economia circular, a Abdi trabalha pela também denominada neoindustrialização, isto é, novos modelos de produção preocupados com o meio ambiente e a consequente melhora da qualidade de vida da população.

Celebremos o Dia da Indústria com orgulho e foco no amanhã. Com inovação, sustentabilidade e um mundo físico conectado ao on-line por meio da análise de dados, temos tudo para superar obstáculos, qualificar e ampliar nossas operações com o domínio de todas as cadeias produtivas. Não esqueçamos jamais: em nossa luta por desenvolvimento nacional e redução de dependência, a indústria é a bola. Sem ela, não tem jogo.

## Educação esportiva, antídoto para a evasão escolar

» HELOISA MOREL

Diretora executiva do Instituto Península

Os desafios da escola vão além dos estruturais, pedagógicos e de aprendizagem dos estudantes. É preciso também lidar com o baixo envolvimento dos alunos nas aulas e os altos índices de evasão escolar. E atrair o interesse dos alunos não é tarefa fácil.

De acordo com pesquisa da Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (Ipec), realizada em 2022, 11% das crianças e adolescentes entre 11 e 19 anos estão fora da escola no Brasil. Isso significa que aproximadamente 2 milhões de meninos e meninas nessa faixa etária estão deixando de aprender. Entre as razões que afastam os estudantes da escola, estão dificuldade financeira, falta de acesso ao transporte e necessidade de trabalhar. E, quando há oportunidade de frequentar uma escola, o desafio passa a ser o de manter os alunos suficientemente motivados para que não abandonem seus estudos. Isso porque 38% dos estudantes sentem que a escola é desinteressante e 35% não se sentem acolhidos.

É preciso, como primeira atitude, ações que alavanquem uma pauta essencial: a melhoria da educação. Afinal, não há país no mundo que tenha se desenvolvido sem a ter colocado a educação como uma prioridade. A boa notícia é que diversos estudos, pesquisas e acompanhamentos de professores em salas de aula de todo o país nos permitem afirmar que existe uma via possível para alcançarmos esse objetivo — e ela passa pela educação esportiva.

São evidentes os benefícios físico-motores que a educação esportiva promove. Entretanto, a análise destas evidências aponta que o exercício físico regular proporciona

também benefícios cognitivos e socioemocionais necessários para o desenvolvimento dos alunos. Nessa linha, a educação física agrega os valores do esporte, que auxiliam na construção de habilidades necessárias para a formação escolar, como a importância de trabalhar em equipe, o quanto é preciso perseverar por meio de disciplina e treino para obter resultados e a necessidade de se comunicar para resolver problemas de socialização, por exemplo.

Reconhecendo a importância da atividade física nas escolas, a pauta ganhou reforço pela Lei Federal 14.579/23, que institui que, a partir de 2023, 25 de maio será o Dia Nacional do Desporto Escolar. A data escolhida remete à criação da Confederação Brasileira do Desporto Escolar (CBDE).

O esporte também é uma ferramenta para mitigar sintomas depressivos e dificuldades de relacionamento, promovendo autoestima e bem-estar, que impactam positivamente no desenvolvimento do aluno e podem colaborar com a redução da evasão escolar, problema que compromete especialmente quem está na etapa dos ensinamentos fundamental e médio. Vale ressaltar que trata-se da mesma faixa etária em que globalmente há uma drástica redução na assiduidade da prática de atividade física, sendo 80% de crianças e adolescentes entre 11 e 17 anos insuficientemente ativos, segundo estudo realizado pelo Instituto Península sobre as Evidências de Educação Esportiva.

Avaliando o cenário atual, para algumas crianças e adolescentes, o único lugar que pode oferecer oportunidades estruturadas de atividades físicas é a escola. É por esse motivo que a educação física integra o

currículo da educação básica de todos os países, sendo uma disciplina obrigatória em 94% deles, segundo a Unesco. E é aqui que está o ponto sobre o qual quero chamar a atenção: existe uma oportunidade em nossas mãos — tornar a educação física uma aliada da aprendizagem e do fortalecimento da motivação dos estudantes.

No Brasil, o desafio é grande, pois enfrentamos uma realidade que consiste na redução de carga letiva de educação física em algumas escolas. Apesar de a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) contemplar o que os professores precisam trabalhar do início ao final da educação básica para garantir o desenvolvimento físico, motor e emocional dos alunos, temos ainda a complexidade de efetivar a implementação desse currículo para que alcance o maior número de estudantes.

Outra barreira que o sistema de educação enfrenta diz respeito à formação de profissionais que ministram as aulas de educação física. De acordo com o Censo Escolar de 2021, apenas 44% das escolas brasileiras possuem professores com formação específica para lecionar a disciplina. E, mais uma vez, a rede pública é quem detém o menor número de profissionais especializados para aplicar as aulas desse segmento. Dos 390 mil professores que ministram atividades físicas e esportivas nas escolas, apenas 105 mil têm formação específica para lecionar.

Essa reflexão e percepção dos benefícios acerca da educação esportiva para o desenvolvimento educacional é um convite: vamos falar mais desse tema ao longo de todos os anos e não apenas naqueles em que o mundo se une para assistir aos grandes eventos esportivos?

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Fundo Constitucional no fundo do poço

São nas crises, quando o cinto tem de ser apertado, que a imaginação passa a ser exigida, como meio de buscar soluções com aquilo que se tem ao alcance das mãos. Quem preferiu acreditar que o tal arcabouço fiscal do governo, aprovado agora na Câmara dos Deputados, não traria surpresas desagradáveis para o chamado Fundo Constitucional do Distrito Federal, observa agora que o corte significativo neste Orçamento vital para a capital, destinado às áreas de educação, saúde e segurança, foi muito além do aceitável.

De fato, a bancada do DF na Câmara e no Senado, dormiu no ponto e só se deu conta dos estragos reais, na undécima hora, quando as chances de negociação estavam praticamente encerradas. Nem Lula nem seu ministro Fernando Haddad, nutrem simpatias sinceras pela cidade. Por diversas vezes, deixaram escapar que Brasília não passa de uma ilha da fantasia no meio de um Brasil capenga.

De fato, nem um nem outro parecem entender o significado do FCDF e sua importância para manter a cidade, hoje com mais de 3 milhões de habitantes, dentro dos aspectos aceitáveis de urbanismo. A possível falência da capital, para manter tão importantes áreas, não recairá somente sobre seus habitantes, mas terá um efeito dominó sobre outros setores, prejudicando o comércio, trazendo mais insegurança e um verdadeiro caos no sistema de saúde, além de uma maior precarização no ensino público. Fechando o ciclo desse desastre, as consequências atingirão também o corpo diplomático, os deputados, os senadores e todo o staff da República, que terá de se deslocar em meio ao caos. De fato, ninguém sairá ganhando com esse corte, nem mesmo o presidente que sonha em poder gastar sem limites, isento de quaisquer punições.

Talvez sejamos levados a empreender esforços, além do imaginável, para repassar os custos desses cortes, para aquelas áreas mais aquinhoadas, acabando com gastos supérfluos nas mordomias dos ministros da Justiça, dos ministros de Estado, do Congresso, e mesmo com relação aos gastos exorbitantes da Câmara Legislativa e de outros setores em que os altos salários e privilégios custam muito ao contribuinte local.

Pesa sobremaneira a possibilidade de Brasília vir a sofrer com incursões de grupos do crime organizado, que estão hospedados na Papuda e em algumas áreas no entorno da capital. A situação é séria. Agora, que a maré vai baixar, é que podemos ver quem estava nadando sem calção. É hora de mostrar à imaginação, acionar o pessoal ligado às finanças do GDF para buscar saídas que aumentem os tributos e contribuições do pessoal que usa a capital para desempenhar suas funções. Alguém terá de pagar a conta. De nada adianta aumentar os impostos e outras taxas da população, porque essa medida trará ainda mais pobreza em cadeia. Caso as expectativas se confirmem com o Distrito Federal vir a perder algo em torno de R\$ 87 bilhões nos próximos 10 anos, diversos projetos e obras em toda a cidade serão comprometidos, com repercussões negativas sobre os índices de emprego. Interessante e preocupante é que para atingir esses patamares de corte, que tornará a gastança do atual governo uma tarefa fácil, foi necessário primeiro, desrespeitar uma lei de 2002, que obrigava esses repasses a partir da variação da receita corrente líquida da União.

Engam-se aqueles que pensam que a capital possui privilégios que outros entes da União não têm. Esses repasses dão um mínimo de urbanidade e civildade à capital de todos os brasileiros, tornado a segurança e o bem estar dos burocratas que vêm de longe uma possibilidade real.

### » A frase que foi pronunciada

“Se não existissem más pessoas, não haveria bons advogados.”

Charles Dickens

### Lástima

» Para uma pesquisa com estudantes de São Paulo, 94% dos entrevistados reconhecem que o retorno às aulas foi difícil em termos de participação e concentração. Acontece que alunos e professores seguem em distância abissal no que se refere à tecnologia. Em Brasília, não foi diferente. Tanto em escolas públicas quanto particulares, coube apenas aos professores criar aulas interessantes. Nenhum suporte foi dado.

### Gripe

» A onda de gripe em todo o país tem tudo a ver também com a falta de educação. Pessoas que tosse ou espirram em lugares fechados sem proteger os outros cobrindo vírus ou bactérias com as mãos são os maiores responsáveis pela disseminação das doenças. O espírito certo é na dobra do braço. Só uma nova campanha do Sujismundo poderia ajudar a proteger os outros.

### Memorial da Paz

» Seis anos depois de a bomba atômica ter devastado Hiroshima, o reitor Tatsuo Morito, da universidade local, escreveu uma carta ao reitor da Universidade do Japão com o seguinte trecho em destaque: De modo que elaborei um plano destinado a “reverdecer” o campus da Universidade, transformando-o — da sua totalidade rubra e ferruginosa — num verde fresco e viçoso! Nada de vermelho, simbolizando luta e derramamento de sangue, mas verde, que é a cor do crescimento e da esperança...” (leia a íntegra no *Blog do Ari Cunha*)

### » História de Brasília

Quem procura a Divisão Comercial do DTU acha que o serviço está muito mal organizado e mal instalado. Fios pendurados, espichados pelo chão, mesas tumultuadas, falta de espaço, e tudo mais. Horrível. (Publicada em 20/3/1962)